

Variações sobre uma vida

No princípio, contra ele sempre aparecia a sombra de uma nuvem; toda vez que ele abria a janela e olhava para fora, aquela sombra estava à sua espera, e ficava ali defronte, como que a querer dizer alguma coisa, a lhe contar a revelação de um segredo que somente ela possuía e a ele é que devia comunicar; a presença daquela sombra o torturava; de onde teria vindo aquela nuvem acompanhada da sua sombra, o que desejava saber dele aquela sombra sempre a vigiá-lo, tornando-se uma presença importuna e desagradável? Uma presença que a vida lhe amargurava e que só lhe trazia infelicidade e desgosto! Retirava-se, fechava a janela.

Era a sombra de uma nuvem, menos mesmo que uma nuvem que estava constantemente à sua espera, do outro lado da rua e que, com uma inexplicável insistência, o impedia de olhar o céu, de olhar mesmo outras nuvens.

Era a sombra de uma nuvem, um fragmento de noite que ficava durante o dia a persegui-lo, um fragmento de noite, de uma daquelas noites em que vivia perdido nos bairros longínquos das cidades onde em seu tempo de moço se divertia; era um fragmento de sombra noturna.

Quando ele saía, na rua, a sombra o acompanhava; e os objetos que ele desejava, ou esperava que lhe viessem às mãos, vinham, mas fugiam sentindo próxima a sombra escura; esta, por sua vez, também sumia de repente, andava por outros lugares; sentia então um alívio, pensava que da nuvem enfim estava livre; prosseguia, feliz, o seu passeio pelas ruas da cidade, supondo que não mais a veria; e, subitamente, lá estava a nuvem de novo, na esquina de uma rua, e mais sombria ainda.

Assim se passaram os dias; às vezes ia para o interior do Estado; às vezes viajava para lugares mais longes e, quando julgava estar livre, observava que a nuvem teimava em persegui-lo; no hotel, no jardim, nas praças da cidade por onde passava em viagem, lá estava, a cobrir a sua cabeça, a sombra da nuvem; não sabia dizer como a nuvem poderia saber da sua ausência, como conseguia encontrá-lo e reconhecê-lo.

No princípio foi uma sombra de nuvem, depois foi uma luz, luz fria, gelada, que batia na sua cabeça e penetrava no seu pensamento; vinha de longe, através da janela, ao amanhecer, e feria a sua testa quando estava ainda adormecido; aquilo lhe parecia um aviso; aquela luz lembrava-lhe uma sonda que penetrava no seu cérebro, numa especulação angustiada e dolorida...

Aquela luz despertava, na sua lembrança, idéias vagas, imprecisas, imperfeitas, indeterminadas; era a luz de uma estrela longínqua que se refratava no vidro da janela; era a luz, talvez, de um fósforo riscado no escuro por mão invisível.

De estrela ou fósforo, a luz procurava penetrar na sua consciência, a descobrir algum sinal que lá estivesse e que ele próprio não sabia em que consistia; procurava a lembrança de qualquer ato que ele tivesse praticado e, do qual, não mais se lembrasse. A luz, como a nuvem que o deixara em paz, também o perseguia; vinha, penetrava no seu cérebro; e para onde ele ia, ia com a luz no interior da sua cabeça, talvez mesmo do seu espírito, medindo os seus pensamentos e, às vezes, esses próprios pensamentos corrigindo. Certos momentos perdia a memória pela influência da luz no seu cérebro e, às vezes, era ao contrário, tudo quanto pensava tinha uma acuidade maravilhosa, uma clareza espontânea e perfeita.

A presença da luz dava-lhe dor de cabeça; uma espécie de enxaqueca, provocando-lhe tonteiras que a princípio pensava ser qualquer perturbação no labirinto, mas consultando um médico, este o convenceu de que os seus ouvidos estavam sãos.

Viveu assim vários meses dominado por essa luz, que possuía qualquer coisa de magia e de real, qualquer efeito que se fizesse uma obsessão, que o tivesse possuído, apanhado; pois essa luz, como a sombra da nuvem, era uma espécie de enfermidade que de súbito o afetou como

se fosse uma gripe ou, pior, uma tuberculose; uma doença curável com apenas um esconjuro; como sucedeu com a nuvem, que desapareceu, depois que, na praia, tomou por muito tempo um banho de sol.

E agora, como iria ele se livrar da luz? Passar quantos dias na escuridão? E que escuridão? Se perguntava e refletia: “Se me curei da sombra usando a luz, poderia me livrar da luz usando uma sombra?”. Aqui se lembrou da sombra da nuvem; era preferível sofrer a presença da nuvem do que a ação dolorida da luz; ficou perplexo, esperando. Lembrou-se novamente de consultar um médico, mas de que especialidade? Não acreditava que houvesse uma especialidade médica para essa moléstia, se era mesmo uma moléstia. Quando não era a sombra ou a luz, era a voz; uma voz lívida, partida, voz que vibrava dentro dele, repentinamente. Às vezes, andando pela cidade, gostava de olhar as vitrinas das casas de comércio e, inesperadamente, ouvia a voz interior que o estrangulava; ficava sufocado, sem saber de onde vinha aquele som incerto que lhe apertava a garganta, sufocando-o, em lugar tão impróprio e tão à luz do dia; supunha que estava localizado nas cordas vocais, na sua laringe, ou aninhada no seu ouvido; uma voz, como a sombra e como a luz, agora o seguia, o impossibilitava de andar, de falar; prendia-o.

A voz ora era aguda, penetrante, como se ferisse a garganta, e, ferindo-a, fosse também uma ferida; voz, punhal, ferimento, causa da dor e dor ela mesma; ora era grave, mole, lânguida, perdida em qualquer parte do corpo ou do pescoço, sem posição certa; ora quase sem tom, nem som, agia em qualquer parte.

O que mais o afligia, entretanto, eram os intervalos, os momentos de tranqüila e normal consciência de que nada o perturbava, e logo imprevisivelmente, surgia aquele som sem timbre, sem razão, incompreensível; uma voz que ao mesmo tempo tagarelava, possuía várias tonalidades, trepidava.

Às vezes ele meditava assim: “Por que sucedem esses fatos comigo? Por que essa invasão odienta contra mim, para que serve o ódio? Nós estamos aqui, neste mundo, de passagem; pode ser que tenhamos vindo do nada ou da eternidade, isto é, no espaço onde estivemos antes de nascer nada exista ou tudo exista para sempre; entre o nada e a eternidade não há transição ou passagem; entre o que nada existe e a existência total o que existe é uma seqüência de nada, uma travessia consciente, homo-existente. Essa voz que me persegue, o que será dessa consciência? A sua verdade? A sua abstração? Que parte dela revela esse monólogo sonoro que me atormenta? Monólogo ou diálogo (se é diálogo) é uma conversa, através de mim, entre dois mundos – o anterior e o posterior a nós? E Deus, que parte tem nessa entonação que extrapola de mim mesmo para o Antes e o Depois? A vida é um não ser perene? Isso pode ser uma prova de um não ser divino?”.

Essa meditativa especulação ainda mais o confundia porque lhe dava margem a divagações incertas e inexatas, fazia-o penetrar em minúcias sobre as sonoridades daquela voz; chegava assim a uma fonologia sui-generis, que até então poucas pessoas teriam sentido ou alcançado: uma fonologia que especulava sobre a qualidade e a intensidade da voz, desde o soprano ligeiro ao baixo profundo; essa gama da voz humana que era pura, e não aquela perturbadora e ofensiva, uma vez que era sempre imprevisível e até, às vezes, raiando o campo dos ruídos tenebrosos e doentios. Chegou a consultar um foniatra que nada pôde fazer por ele, uma vez que a voz apenas o visitava, não era sua; chegou a consultar numa escola de linguagem um quimógrafo, mas, do mesmo modo por que as indicações oferecidas pelo instrumento não tinham um sentido certo, apareciam mais confusas do que se se tratasse de ruídos; os diagramas daquela voz, ou vozes, eram mais loucos do que os dos mais absurdos ruídos: eram explosivos e implosivos como os dos rumores vertiginosos de uma catástrofe.

Por fim passou um certo tempo mais aliviado, passou um certo tempo mais tranqüilo quando novamente lhe surgiu, de maneira inexprimível, uma sensação de um vento perfumado, mas, de perfume, só de vez em quando, pois que um pequeno vento lhe trazia, muitas vezes, um cheiro fétido; pensou, de antemão, que era um fenômeno passageiro, não ligou muita importância, já que esses perfumes e maus cheiros são freqüentes por toda a parte, são como expressões de bom ou mau agouro; com o andar dos tempos compreendeu que havia uma ordem no seu aparecimento; sentia-se agora ofendido por um cheiro, que poderia ser perfumado ou malcheiroso; chegou mesmo a observar que havia várias gradações desse cheiro; havia perfumes que, a princípio, eram agradáveis ao olfato e logo depois provocavam uma repulsa pelo acentuado tom que às vezes atingiam.

Esse cheiro lhe veio de repente, ao passar junto de um cano de esgoto ou de uma sarjeta, não se lembrava muito bem. Achou natural aquele mau cheiro, numa cidade em confusão, cheia de buracos, onde as ruas não mais eram lavadas; notou também que esse mau cheiro lhe veio confundido com um forte perfume que trazia uma senhora que passava na ocasião pelo local. Daí a confusão entre os cheiros, o mau e o perfumado. O que o surpreendeu, porém, foi, ao chegar a casa, os dois, confusamente, não o abandonavam; começou, uma vez que desde o primeiro dia havia uma ordem no seu aparecimento, começou, disse, a desconfiar ser esta mais uma forma da moléstia de que fora acometido, como as outras três de que, felizmente, já se livrara; neste caso seria uma enfermidade de que deveria estar atacada toda a população, uma espécie de epidemia, permanente e insolúvel; uma verdadeira peste de mau cheiro, embora com certos efeitos perfumados.

Da perturbação que antes dessa o dominou, provocada por uma voz violenta e extravagante, salvou-o, sem que ele esperasse, um sonho; um sonho em que ele, dormindo, se sentiu estrangulado por duas grandes mãos, duas mãos poderosas, como as de um carrasco. Ao acordar, impressionado, contrariado, lembrou-se daquela voz que lhe afogava freqüentemente a garganta; desde esse sonho sentiu-se inteiramente sarado da doença que a voz lhe dera.

Por fim, passou um certo tempo quase aliviado dessas perturbações doentias, estava por fim se sentindo bem, chegou a supor que dessa vez não mais lhe viria qualquer constrangimento, já estava idoso e convicto de que todos esses imprevistos que lhe sucederam, lhe vinham de uma alucinação que, com a idade, foi aos poucos se desfazendo. Estava convencido de que esses acontecimentos eram simples moléstias para as quais o remédio era sempre inesperado e de natureza a mais exótica que se possa pensar.

Estava assim tranqüilo.

Passaram-se vários anos. Já estava convencido de que tinha sarado daquela alucinação que por tanto tempo o atormentava. Estava idoso, mas recuperado, sentindo-se bem no corpo e na alma, fazia projetos ousados, participava das distrações em países distantes e em viagens penosas; na própria cidade onde morava tinha um programa de visitas aos amigos e conhecidos que o deixava esfalfado antes da noite.

Passaram-se vários anos e, para ele, se encontrava completamente sanado daquela neurose, quando, uma vez, depois de passar a noite numa boate localizada em rua escura e estreita, sentiu, inesperadamente, um pouco de vento vibrar sobre a sua cabeça; fazia-lhe mal, dava-lhe um desgosto, uma angústia, julgou ser mesmo um vento, àquela hora da noite, através da rua estreita, um vento encanado, que lhe fazia doer todos os membros. Caminhou serenamente, alcançou um táxi, regressou à casa; entrou, foi para o seu quarto de dormir, notou, porém, que o vento não cessava; dentro do seu quarto todo fechado continuava a soprar um vento encanado como sucedia na rua onde se achava a boate; disso lhe veio a pensar nos outros acontecimentos congêneres que tanto o molestaram passados já tantos anos; o vento batia, soprava nos seus ouvidos, num batimento apressado repetido que o entontecia.

Não pôde dormir, sentiu no ouvido o sopro do vento como se o seu crânio fosse uma bola que alguém invisível quisesse encher de ar e depois arremessá-la para cima, jogá-la no teto e apará-la em baixo novamente.

Também pensou que aquele sopro fazia parte de uma atmosfera que se criara ali dentro, atmosfera trazida por ele da rua escura e enoitecida, da rua estreita onde se achava a boate que ele tinha freqüentado e atraído sobre si aquele vento exótico e noturno.

Agora, tarde da noite, estava convencido de que a sua doença, a sua neurose, voltara, depois de tantos anos. Que fazer? Como iria proceder para se libertar da doença? Depois de tanto tempo perdera a experiência em procurar meios e motivos que fossem capazes de corrigir o seu mal.

Há seis dias que o vento assobiava no seu ouvido como o Mistral assobia no sul da França, como, nos pampas do Rio Grande, assobia o Minuano: como essa ventania pudera, tão forte e violenta, se esconder num beco quase sem saída, que era onde estava a boate?

Isso era uma impertinência; parecia-lhe impossível ficar de novo bom e saudável; certamente desse acesso não escaparia; aquele ar ventoso tirara-lhe a audição, lhe apagara a memória; com pessoa alguma podia mais conversar; sentia-se só, desolado e só, quase morto.

Pôde, no entanto, fazendo grande esforço, sair de casa e ir para pedir conselhos a um amigo; este em nada pôde lhe ajudar; voltou para casa transido de frio, quase certo de que iria morrer dentro de poucos dias.

Recolheu-se à casa e não mais saiu; com o tempo, o vento que soprava no seu ouvido começou a amainar; sentiu uma leve esperança, um ligeiro alívio, adormecia mais ou menos tranqüilo; sentia-se quase como dopado; dormia de uma maneira cansada, dando a impressão de que caminhava léguas em vez de dormir. Esse cansaço fez parar o vento, mas prostrou-o no leito de maneira fatal e última; deitado e fatigado, deitado e doído, não mais se levantaria.

Foi quando começou a sentir, no corpo, várias dores: obtusas e agudas, lentas e instantâneas; um conjunto de dores invadiu o seu corpo; ele percebeu naquele conjunto como que uma orquestração de grandes e pequenas dores; cada uma tinha um fundo dolorido e sonoro, seguia uma escala dolorosa: umas eram dores constantes e espalhadas por todo o corpo, e iam, aos poucos, diminuindo; havia as pequenas dores superficiais, às vezes uma só, isoladamente, atuava fria e funda num lugar e fazia repercutir em outro ponto do corpo; algumas propriamente não doíam, apenas pesavam; umas que raspavam nas costelas, outras que mordiam nos seus músculos, outras que escorriam no seu sangue; umas eram como se apertassem, como se partissem ou fizessem furos muito finos.

Era uma afluência de dores; todo o seu corpo se transformou em dores puras, sutis, devorantes; foram, aos poucos, comendo-o.

Até que um dia, um amigo, visitando-o, nada mais viu do seu corpo e da sua alma; nele somente existiam dores e foram ainda essas dores levadas com ele ao cemitério.

Foi difícil ao médico dar o atestado de óbito, pois o doente morrera asfixiado, sufocado, afogado num mar de dores, e morreu antes mesmo que elas terminassem. Como um naufrago morrera, como um naufrago em torno de quem as águas ondulam, e que, mesmo depois de morto, as águas do mar, navegando, continuam.